

Dossiê: Gênero, deslocamentos e fronteiras no/do mundo contemporâneo

Experiências de imigrantes africanas na cidade de Fortaleza-CE (2010-2017)

Ercílio Neves Brandão Langa

Doutor em Sociologia – UFC

Professor no Instituto de Humanidades e Letras – Unilab

RESUMO

O artigo analisa experiências de vidas de mulheres africanas imigrantes e residentes na cidade de Fortaleza-CE, Brasil, em um contexto de migração transnacional. As mulheres apresentam discursos marcantes com relação à raça, religião, gênero, sexualidade e pertencimento étnico. A partir da observação etnográfica, entrevistas abertas e conversas informais, comparei as experiências migratórias de três mulheres de nacionalidades cabo-verdiana e bissau-guineense, verificando seus distintos lugares enquanto africanas, negras e estrangeiras interseccionando com diversos marcadores sociais. Após o deslocamento de África para o Brasil, as jovens passam a apresentar pertencimentos diferentes daqueles que assumiam nos seus países de origem, ressignificando identificações de raça, orientação sexual, religião e trabalho.

Palavras-chave: Mulheres africanas; Migração; Discursos; Experiências; Brasil..

Experiences of African immigrants in the city of Fortaleza-CE (2010-2017)

ABSTRACT

This paper analyzes the experiences of the lives of immigrant and resident African women in the city of Fortaleza-CE, Brazil, in a context of transnational migration. Women present striking discourses regarding race, religion, gender, sexuality, and ethnicity. From the ethnographic observation, open interviews and informal conversations, I compared the migratory experiences of three women of Cape Verdean and Bissau-Guinean nationality, checking their distinct places as African, Black and foreign, intersecting with various social markers. After the displacement of Africa to Brazil, young women began to present different personalities from those they assumed in their countries of origin, resignify identifications of race, sexual orientation, religion and work.

Keywords: African women; Migration; Speeches; Experiences, Brazil.

Experiencias de inmigrantes africanos en la ciudad de Fortaleza-CE (2010-2017)

RESUMEN

Este artículo analiza las experiencias de las vidas de mujeres inmigrantes y residentes de África en la ciudad de Fortaleza-CE, Brasil, en un contexto de migración transnacional. Las mujeres presentan discursos impactantes sobre raza, religión, género, sexualidad y etnicidad. Desde la observación etnográfica, las entrevistas abiertas y las conversaciones informales, comparé las experiencias migratorias de tres mujeres de nacionalidad caboverdiana y bissau-guineana, verificando sus distintos lugares como africana, negra y extranjera, que se cruzan con diversos marcadores sociales. Luego del desplazamiento de África a Brasil, las mujeres jóvenes comenzaron a presentar diferentes personalidades de las que asumían en sus países de origen, resignificando identificaciones de raza, orientación sexual, religión y trabajo.

Palabras clave: Mujeres africanas; Migración; Discursos; Experiencias; Brasil.

Introdução

O artigo analisa as experiências de vida de mulheres africanas residentes na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, metrópole localizada no Nordeste brasileiro. Trata-se de um estudo de caráter etnográfico com mulheres de países de África falantes da língua portuguesa, inseridas na comunidade africana inserida nessa cidade. As ideias expressas neste artigo são resultado da pesquisa de campo com mulheres africanas de diferentes nacionalidades, desenvolvida entre os anos 2010 e 2017.

Historicamente, a participação das mulheres nos movimentos diaspóricos tem sido pouco estudada. A rigor, a maioria dos estudos sobre populações diaspóricas negras, afrodescendentes e comunidades de imigrantes de origem africana tem como foco os indivíduos do sexo masculino, negligenciando a condição das mulheres – sejam elas imigrantes ou refugiadas – bem como suas demandas de trabalho, gênero, educação, sexualidade, dentre outras. Desse modo, entendo ser fundamental compreender e discutir as experiências de deslocamentos das estudantes africanas e suas vivências na cidade de Fortaleza.

O texto está estruturado em seis segmentos. No primeiro momento, apresento os percursos metodológicos da pesquisa. Em seguida, faço um histórico da mobilidade de mulheres africanas para cidade de Fortaleza no cenário da migração estudantil internacional de África para o Brasil, chamando atenção para a feminização dos deslocamentos, questionando os impactos nas suas vidas e identidades, bem como as suas inserções na sociedade de acolhida. No terceiro segmento, trago elementos para se pensar as teorias de globalização a partir da televisão, mídias eletrônicas e redes sociais virtuais e as mudanças acontecidas na paisagem urbana após a presença africana. No quarto tópico, movimento os aportes teóricos a partir de teorias da diferença e perspectivas feministas. No quinto segmento, a partir da descrição etnográfica procuro compreender os sentidos de ser mulher, africana, negra e imigrante na sociedade fortalezense, interseccionando essas experiências com a educação, trabalho e inserção na sociedade. Por último, problematizo os espaços de sociabilidade e a vida afetiva dessas mulheres.

Percursos metodológicos

Durante dois anos de pesquisa, adotei uma abordagem qualitativa, a partir da qual desenvolvi observações etnográficas com as imigrantes em diferentes espaços e

momentos: moradias, faculdades particulares onde estavam matriculadas e locais de trabalho. Também as observei em momentos de lazer e sociabilidade: idas a shoppings centers, bares, festas, reuniões e outros espaços de confraternização. Aliado às observações, realizei entrevistas abertas e conversas informais com sete mulheres oriundas da Guiné-Bissau, Cabo-Verde e São-Tomé e Príncipe. As entrevistadas foram escolhidas pelo fato de estarem residindo na cidade há pelo menos quatro anos, conforme sua disponibilidade em participar da pesquisa. Acreditava que quatro anos fosse tempo suficiente de vivência e adaptação à sociedade de acolhida.

As entrevistas foram realizadas em língua portuguesa e duraram entre quarenta e cinco minutos a uma hora, conforme o ritmo e desenvolvimento da conversa com as imigrantes. Interessava-me compreender os processos de ressignificações identitárias nas trajetórias e percursos, focando o seu cotidiano. Porque as entrevistas eram abertas, acabei analisando distintas dimensões da vida dessas mulheres imigrantes: cotidiano, vida estudantil, trabalho, sociabilidade, sexualidade, saúde, associativismo, religião, entre outras. Obtive como perfil das interlocutoras: mulheres jovens entre dezoito e trinta e cinco anos de idade, negras em sua maioria, originárias de distintas nações, culturas, grupos etnolinguísticos africanos majoritariamente de nações subsarianas pertencentes à grande família linguística bantu.

Com base no extenso e amplo material de campo, explorei a técnica de história de vida com alguns imigrantes africanos, de ambos os sexos, para compreender melhor seu cotidiano, suas trajetórias e percursos identitários na diáspora no Brasil. Assim, durante a análise do material coletado, acabei construindo etnobiografias de algumas das entrevistadas. Acerca da etnobiografia, Gonçalves (2012), bem como Gonçalves, Marques e Cardoso (2012) afirmam que essa técnica problematiza conceitos-chave da teoria sociológica clássica e suas dualidades, como individual e coletivo, indivíduo e cultura, abrindo espaço para a individualidade ou imaginação criativa. Dessa forma, a etnobiografia emerge como construção que pretende dar conta da intrincada relação entre sujeito, indivíduo e cultura.

Globalização, etnopaisagens, mediapaisagens e migração

As profundas transformações mundiais na modernidade que são aceleradas pelos processos de globalização e mundialização do capital, pelo capitalismo informacional, por mudanças nas conexões entre tempo e espaço, bem como por trocas transnacionais,

constituem uma das marcas da transição do século XX para o XXI. Tais fenômenos têm impulsionado os deslocamentos mundiais e com isso, os fluxos de trabalhadores industriais, turistas, estudantes, imigrantes e refugiados que, vêm mudando as paisagens urbanas das grandes metrópoles mundiais. A presença desses “novos” atores internacionais causam impactos socioeconômicos e criam novas demandas às cidades e sociedades de acolhida e, assim, vem desafiando o entendimento das ciências sociais. Apresento em seguida, o relato de uma imigrante e estudante bissau-guineense residente em Fortaleza, acerca das imagens existentes sobre África e os desafios cotidianos de lidar com a diferença e diversidade étnica na cidade. Mesmo sendo estrangeira, ela não é tratada como *gringa* por conta da cor da pele, da origem africana e do lugar que este continente ocupa na geopolítica mundial, se deparando com perguntas absurdas.

Ah, a mudança para cá afetou um pouquinho porque a pessoa chegando sem saber, uma pessoa menos informada e chega fala assim: - na África o povo morre de fome, né?! Aí você se sente mal, porque você sabe que não é isso que acontece. A pessoa, às vezes não sabe o que nem é África. África é um continente que possui 54 países, não é um país. A pessoa vê uma coisa, isso aí vem da mídia mesmo. A mídia fala, explica o que eles querem o que você saiba, entende? Aí fala assim, “na África”. Aí o povo não está informado o que é África. Pensa que todo o mundo se conhece, que todo o mundo é da mesma terra, não sabendo que África tem 54 países, onde que tem países que foram diferentes colônias europeias, que falam francês, espanhol, português, aí essas coisas todas. Aí ofende muito. A pessoa chegar assim num tom falar com você: – existe carro? – você tem um leão como bicho de estimação? Essas coisas...: ofende muito, entendeu? Mas, tem pessoas assim como eu, bem esclarecida. Eu não levo isso muito em consideração porque eu sei que a pessoa que é bem informada não ia fazer essa pergunta pra mim. São pessoas assim, sem preconceito, de baixo nível acadêmico mesmo que fazem essas perguntas. Eu faço é ignorar. Mesmo eu sou bem clara e respondo:– eu tenho dois leões lá em casa. Eu faço isso! Normal (*Nanana*, entrevista, 19/03/2012, Fortaleza).

Como consequência, os modelos de análise tradicionais utilizados pelas ciências sociais não dão mais conta das transformações políticas, econômicas, espaciais, culturais e identitárias vivenciadas nas grandes metrópoles, particularmente, quando contam com a presença de grupos imigrantes. Appadurai (2004) aponta que os meios de comunicação eletrônicos e as migrações constituem a marca do mundo presente, no qual, imagens, textos, modelos e narrativas que chegam pelos meios de comunicação de massa distinguem a diferença entre as migrações do passado e as atuais. Desse modo, o autor

utiliza a noção de *etnopaisagem* no lugar de *identidade étnica*, num contexto mundial onde paisagens, imagens e indivíduos estão em contato e em transformação.

A *etnopaisagem* designa paisagens de pessoas que constituem o mundo em deslocamento que habitamos: turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados e outros grupos e indivíduos em movimento, a constituírem um aspecto essencial do mundo e parecendo afetar a política das nações e entre as nações, sem precedentes (APPADURAI, 2004). Seguindo essa trilha, percebi que a migração, presença e permanência de imigrantes africanos e a africanas em Fortaleza modificou a paisagem urbana, configurando uma nova *etnopaisagem* a esta metrópole litorânea e turística.

Por outro lado, a presença de africanas e africanos em Fortaleza parece inserir-se no cenário transnacional marcado pela dominância dos meios de comunicação eletrônicos e pela migração internacional, seus imaginários e suas diversas paisagens. É neste cenário contemporâneo dominado por aquilo que Appadurai (2004) designa de *mediapaisagens* à transmissão de imagens, informações, notícias, a partir de meios como a televisão e as mídias eletrônicas, em que se insere o imaginário africano sobre o Brasil. Entretanto, o autor alerta para um aspecto importante das *mediapaisagens*, que é o perigo da divisão porosa entre as paisagens realistas e ficcionais:

O aspecto mais importante destas *mediapaisagens* é que fornecem (especialmente sob a sua forma de televisão, cinema e cassete) vastos e complexos repertórios de imagens, narrativas e *etnopaisagens* a espectadores de todo o mundo, e nelas estão profundamente misturados o mundo da mercadoria e o mundo das notícias e da política. [...]. As linhas divisórias entre as paisagens realistas e ficcionais que vêm estão esbatidas, de modo que, quanto mais longe estes públicos estão da experiência direta da vida metropolitana, maior a probabilidade de construir mundos imaginados que serão objetos quiméricos, estéticos, até fantásticos, particularmente se avaliados pelos critérios de outra perspectiva, de outro mundo imaginado (*Ibid.*, p. 53-54).

No caso da mobilidade de africanos e africanas para o Brasil, cabe recordar que, para além dos convênios educacionais, do desenvolvimento industrial, da televisão e das mídias eletrônicas que desempenham papel importante na transmissão de imagens, as telenovelas brasileiras que desde da década de 1980 adentram às moradias em países africanos de expressão portuguesa, assim como as transmissões do carnaval carioca desempenham papel de destaque no processo de tradução cultural. Analisemos o papel da televisão, particularmente das telenovelas, sobre as imagens do Brasil nos países africanos a partir do relato desta imigrante cabo-verdiana:

Bem, eu assistia muita novela, lá passam as novelas traduzidas, a gente assiste. Bem, eu assisti *Marimar* [novela mexicana que tinha como protagonista a atriz Thalia], *Da Cor do Pecado*, *Terra Nostra...* Já passou várias, assim, tem as mexicanas também, passam às vezes: *Ruby*, *Catarina*, *Sebastião*, essas coisas, *A Madrasta*, essas coisas, então a gente vai assistindo. Bem, o que a gente vê nas novelas é aquela paisagem né, turística, praia, Rio de Janeiro assim, em São Paulo, assim. Mas tirando isso, assim, eu acho que eu não tinha tanta informação porque eu não sabia nem que existia uma cidade chamada Fortaleza. [...] Eu sabia que tinha lugares. Então, o brasileiro sabe vender a imagem fora do país dele. Então é aquela coisa. Aí eu me surpreendi. Engraçado que quando você sai do aeroporto, a primeira cidade que..., o primeiro bairro, é praticamente uma outra cidade. O bairro que você encontra é uma cidade.... não tão desenvolvida assim. Então muita favela, muita... aí isso aí eu encontrei (*Xilwa*, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Recentemente, a presença de empreiteiras e de igrejas neopentecostais brasileiras nesses países, tornaram ainda mais próximas as imagens do Brasil no imaginário social africano. Por outro lado, as mídias e redes sociais e informacionais, primeiramente o *Orkut* e posteriormente o *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp* desempenharam papel de intermediário nesta interação global desigual – na qual os africanos são mais influenciados do que conseguem influenciar – por meio de *posts*, notícias, informações, publicidade, fotografias, contas, perfis, *fan pages* e *profiles*.

É nesse contexto transnacional que imigrantes africanos emergem – em ruas e avenidas, praças, ônibus e metrô, em universidades públicas e faculdades particulares, como também em delegacias de imigração da Polícia Federal, bancos e outras instituições públicas e privadas – colorindo com suas roupas, cabelos e tons de pele a etnopaisagem da cidade de Fortaleza.

Os imigrantes africanos também aparecem em distintos estabelecimentos na zona litoral, sejam hotéis, restaurantes, bares, *buffets*, *pubs* e barracas de praias cujos donos ou gerentes são *gringos*, na condição de garçons, garçonetes, camareiras, doceiras, açougueiros, churrasqueiros, etc. Mesmo sendo estrangeiros, os africanos não são considerados *gringos* por causa da cor da pele e por ocuparem lugares subalternos na sociedade. Esses sujeitos também são encontrados dispersos pelo Centro da cidade, empregados em distintas lojas de comerciantes sul-coreanos e chineses, na condição de atendentes, vendedores, estoquistas e empacotadores.

Nos esforços de apropriar-me dos percursos dessa migração africana, entendi ser fundamental compreender e discutir as experiências de deslocamentos das mulheres

africanas e suas vivências em Fortaleza, a partir do estudo de suas identificações e construções identitárias. As identidades sociais vêm sendo cada vez mais discutidas nas ciências sociais, a partir de novas perspectivas analíticas, apresentando-se como uma ferramenta profícua para a compreensão da vida social na atualidade.

Hall (2006, 2011) é um dos teóricos pós-coloniais que desenvolveu uma perspectiva desconstrutivista da identidade, em contraposição à concepção essencialista que, proclama a existência de uma “identidade verdadeira”, unificada e imutável. Seu argumento principal é de que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p. 7).

Dessa forma, o autor afirma a perspectiva de que as identidades constituem processos sempre em construção, a partir das negociações que os indivíduos efetivam ao longo de suas trajetórias. Logo, as identidades apresentam-se como processos em aberto e em movimento que, expressam diferentes contextos sociais e trajetórias peculiares de cada indivíduo (*Idem*, 2006). Nesse sentido, pode-se pensar em identidades em processo entre as mulheres africanas, moldadas pelas negociações que vão efetuando ao longo de suas trajetórias e percursos em África e em Fortaleza que, modificaram o seu “eu” interior, seu modo de ver e de estar na vida e na sociedade.

Mulheres africanas na cidade de Fortaleza

A presença de mulheres africanas na cidade de Fortaleza na condição de imigrantes teve início na segunda metade da década de 1990, no contexto da mobilidade estudantil internacional proporcionada pelo Programa Estudantes Convênio - Graduação (PEC-G), que recebe os estudantes estrangeiros dos países em desenvolvimento no Brasil. Nesse período, dirigiam-se à cidade somente estudantes de países africanos de língua portuguesa para se integrar em universidades públicas do Estado do Ceará ao abrigo desse convênio (LANGA, 2014, 2017).

Conforme Mourão (2009), nos anos 2000, os africanos participantes desse convênio estudantil internacional se autodenominavam “comunidade africana em Fortaleza”, um contingente constituído majoritariamente por jovens bissau-guineenses e cabo-verdianos, então unidos e voltados para questões comuns como adaptação e resolução de problemas cotidianos.

Na primeira década do século XXI, houve um aumento significativo do número de estudantes dos países africanos de expressão portuguesa residentes na cidade, majoritariamente vinculados a faculdades privadas com contratos firmados em seus países de origem, a partir de publicidade e vestibulares realizados por instituições de ensino superior (IES) particulares fortalezenses nessas nações (LANGA, 2014).

A investida de instituições privadas brasileiras em nações africanas como Guiné-Bissau, Cabo-Verde e São-Tomé e Príncipe em busca de mercado estudantil constitui um fenômeno marcante na migração de africanos para a cidade de Fortaleza, considerando a proximidade geográfica desses países da África Ocidental com o Nordeste do Brasil, distando cerca de seis a oito horas de voo de avião. Por outro lado, a ausência de instituições de ensino superior (IES) e a fraca qualidade do mesmo nesses países africanos, a instabilidade político-militar e particularmente, os golpes de estado que tem ocorrido na Guiné-Bissau nos últimos vinte anos, constituem outros fatores que contribuem para a migração africana com fins educacionais.

Atualmente, a comunidade africana em Fortaleza é constituída por mais de três mil indivíduos de ambos os sexos oriundos de mais de dez nações dentre as quais, Angola, Cabo-Verde, Camarões, Congo-Kinshasa, Congo-Brazzaville, Gabão, Guiné-Bissau, Moçambique, Níger, Nigéria, São-Tomé e Príncipe, Senegal, Togo, etc. São jovens-adultos com idades compreendidas entre os dezoito e trinta e cinco anos, de diferentes grupos etnolinguísticos *bantus*, que professam distintos credos religiosos cristãos, muçulmanos, africanos e rastafáris. É um contingente constituído majoritariamente por indivíduos do sexo masculino, mas com uma presença cada vez maior de mulheres (LANGA, 2014, 2016).

De acordo com Marinucci (2007), tal mudança no perfil dos migrantes reflete o fenômeno da *feminização da migração* em contextos de mobilidade internacional e temporária, sendo por isso interpretado com o aumento numérico de mulheres migrantes a partir da inclusão do enfoque de gênero, bem como com as transformações no perfil da mulher migrante.

Por outro lado, os estudos sobre comunidades de imigrantes de origem africana e populações diaspóricas têm focado nos indivíduos do sexo masculino, negligenciando a condição das mulheres negras locais ou em trânsito, sejam elas imigrantes ou refugiadas, como também tem ignorado suas demandas de educação, trabalho, gênero, sexualidade, etc. Por essas razões, coloco questões analíticas no meu estudo: que mudanças a experiência de migração na cidade de Fortaleza produz nas vida e identidades destas jovens

mulheres? Que lugares ocupam na estrutura social? Como se dá a inserção dessas mulheres em uma sociedade racializada que se assume branca e ocidental?

Aportes teóricos: teorias da diferença

Green (2011) chama atenção à necessidade de mudança de paradigmas nos estudos de migração, de homens para mulheres para gênero. Esta autora apela para a necessidade de reescritura da história do gênero e migração, propondo uma fusão entre “a história das mulheres e a história do gênero a fim de entender melhor a história da migração em si” (p. 37). Assim, a autora propõe questões investigativas, quais sejam: como o gênero tem causado impacto na migração; como a migração influencia as relações de gênero; como os períodos de ausência e mudança nos papéis de trabalho afetam famílias ou definem novas identidades para migrantes solitários? Também levanta, ao longo do texto, diversas questões retóricas interessantes ao estudo que estou a desenvolver, dentre as quais: “o que acontece quando homens e mulheres migram?”; “como a migração afeta os papéis de gênero e a interação entre homens e mulheres?”; “em termos culturais – assimilação ou retenção de etnia – o que se diz sobre o impacto diferencial em homens e mulheres e nas relações entre eles”?

Já Spivak, uma autora diaspórica, feminista e pós-colonialista, discute as experiências de homens e mulheres da Índia sob domínio e influência colonial britânica, a partir de categorias como gênero, discurso hegemônico, violência epistêmica e subalternidade. Spivak (2010) considera como subalternos, particularmente, as mulheres pobres e negras do Terceiro Mundo, confrontando as mulheres feministas do Primeiro Mundo, acerca da condição e situação das primeiras. Na sua ótica, as mulheres do Terceiro Mundo não podem falar, e quando o fazem, não encontram meios para se fazerem ouvir. Sua reflexão enfatiza esta tripla condição de opressão vivenciada por esses sujeitos subalternos silenciados, por serem mulheres, pobres e negras, oriundas do chamado Terceiro Mundo, diante do mundo capitalista, cuja situação nem de perto, nem de longe pode ser comparada com as mulheres do Primeiro Mundo (SPIVAK, 2010).

Por último, destaco a contribuição de Brah (2006, 2010), ao abordar as identidades das mulheres diaspóricas explorando as categorias de diferença, diversidade, diferenciação, raça, gênero, classe, sexualidade, etnia, negro, geração, entre outras. A autora – cuja própria vida familiar e profissional é marcada pela vivência na diáspora – teve *lares* em quatro dos cinco continentes, primeiro na Ásia, depois em África, em terceiro na Europa e por último,

nos EUA. Tais experiências de deslocamento e dispersão tornaram as questões como diferença, solidariedade e identidade, fundamentais na a sua vida e obra.

Brah (2006) considera que *raça* ainda atua como um marcador de diferença social fundante, mas critica o modo como o termo *negro* tem sido empregado – restrito apenas à África Subsaariana e suas diásporas – pois nega a especificidade cultural desses diversos grupos. Desse modo, a autora afirma que a diferença racial está ligada à diferenças e antagonismos organizados em torno a outros marcadores sociais.

Esta autora aponta para a existência da questão da aparência física e da nomeação/auto identificação com apenas uma identidade no *sanduíche colonial* criado pela colonização europeia em África. Demonstra que na realidade, as mulheres são “muitas coisas” ao mesmo tempo e que, ao se autodeclararem e se identificar com uma e única identidade, ignorariam todas as outras categorias identitárias como a de gênero, casta, religião, grupo linguístico, geração, etc. Na sua ótica, a racialização dos corpos dos indivíduos configura um aspecto importante para os regimes de poder coloniais e pós-coloniais e para a constituição dos diferentes tipos de racismos. Tal poder opera a partir dos corpos, não apenas entre as classes dominantes, mas também entre os dominados (BRAH, 2011).

Já algumas africanas morando na diáspora como Somé (2009) chamam atenção às transformações no *espírito da intimidade* vivenciadas pelas gerações de jovens africanas por conta dos processos como migração, êxodo dos jovens para as cidades e exposição desses jovens às mídias de massa, cujas consequências seriam a importação de novas ideias relativas ao romance e à privacidade. Para esta autora, os processos coloniais e a vida urbana mudaram a vida das gerações mais jovens que, passaram a ver o mundo de forma diferente dos mais velhos. Ela chama atenção ao contexto espiritual dos relacionamentos íntimos dos relacionamentos afetivos que, na sua ótica devem estar conectados. Na sua ótica, um relacionamento afetivossexual deve estar conectado ao relacionamento espiritual, caso contrário, torna-se perigoso.

Ser mulher, africana, negra e imigrante

Neste tópico trago as experiências de deslocamento de três mulheres emblemáticas que vivenciavam a condição de serem negras, africanas e imigrantes nessa diáspora em uma sociedade que se pensa branca com resquícios coloniais e bastante hierarquizada, conforme a raça, sexo, classe e grau de riqueza. Desse modo, verifiquei os discursos das

imigrantes africanas acerca do pertencimento, interseccionando com as temáticas de educação, trabalho e inserção na sociedade fortalezense. Dentre as imigrantes, duas eram da Guiné-Bissau, pertencentes às etnias *pepel de Biombo* e *balanta-brassa* e, outra oriunda de Cabo-Verde pertencia ao grupo social *badio*.

Por questões éticas e de modo a proteger as identidades dessas três interlocutoras utilizei nomes fictícios africanos, mais especificamente, moçambicanos, designando-as de *Nanana*, *Nyelete* e *Xiluva*, respectivamente. À época das entrevistas *Nanana* tinha vinte e quatro anos, *Nyelete* tinha vinte e sete anos e *Xiluva* tinha trinta e um anos de idade, sendo as duas primeiras bissau-guineenses e a última cabo-verdiana. Ao longo do texto, apresentarei os seus depoimentos nessa ordem. Em seus discursos, percebi uma demarcação de identidades, com destaque para a nacionalidade, grupo étnico, religião, orientação sexual e pertencimento racial. O curso que fazem e o trabalho são outros marcadores importantes nas suas vidas. Analisemos a forma como se apresentaram:

Meu nome é *Nanana*, tenho 24 anos, solteiríssima, sou da Guiné-Bissau. Sou da etnia *Pepel de Biombo*. Sou estudante na faculdade privada. Eu sou da religião católica. Sou hétero e sou raça negra. Aqui no Brasil trabalho por conta própria, vendendo minhas coisas, vendo bolsa, calcinha, sapatos, essas coisas. Eu compro em São Paulo e venho vender aqui (*Nanana*, entrevista, 19/03/2012, Fortaleza).

Meu nome é *Nyelete*, tenho 27 anos de idade, sou solteira. Sou da Guiné-Bissau, sou enfermeira. Sou enfermeira não, sou técnica de enfermagem. Eu sou protestante, sou da Igreja Batista Peniel. Eu já frequentava essa igreja na Guiné-Bissau. Em Guiné-Bissau eu não sou rica, nem sou pobre, mais ou menos classe média. Eu nasci em Bissau, capital da Guiné-Bissau, no bairro Nistra. Eu sou negra. Eu sou negra. Lá na Guiné-Bissau eu também me considerava negra sim (*Nyelete*, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Meu nome é *Xiluva*, mais conhecida por *Xi*, tenho 31 anos, sou solteira. Sou de Cabo-Verde. Em Cabo-Verde, nós não temos etnia, mas nós somos divididos em duas etapas: *Barlavento* e *Sotavento*. Eu sou de *Sotavento*. Eu sou pura mulher mesmo, eu sou pura feminina. Eu estudo e trabalho aqui no Brasil, estudo Administração e também trabalho na área de Administração. Eu sou da religião católica (*Xiluva*, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Diante da alteridade na cidade de Fortaleza e das distintas formas de discriminação e de inclusão que vivenciam no cotidiano, ocorrem processos de interpelação raciais e de ressignificação identitárias na vida das mulheres imigrantes, nos quais, estas passam a se assumir negras, heterossexuais, estudantes, trabalhadoras e pertencentes às diferentes igrejas cristãs. Essas ressignificações identitárias são fruto do encontro com a diversidade

racial, sexual, de gênero, mas também das relações de classe, *status* e de prestígio no Brasil. Nesses processos, cabe destacar a adesão às diferentes igrejas evangélicas como uma forma de inserção social e de diminuição da vulnerabilidade por parte das imigrantes africanas. Algumas vezes, tais filiações abriam oportunidades de emprego, escolaridade e até de casamentos.

As mulheres africanas eram minoria entre os imigrantes africanos. Tal situação reflete a existência de sistemas patriarcais e de desigualdades de gênero em suas sociedades de origem, nas quais as famílias preferem investir na educação dos filhos do sexo masculino em detrimento das mulheres, por questões de herança e continuidade da linhagem familiar. Em diversas sociedades africanas rurais particularmente com populações islamizadas, o acesso de mulheres à educação e emprego ainda é bastante restrito (LANGA, 2017).

Na Guiné-Bissau, eu estudei até 11ª classe, eu nunca trabalhei lá. Atualmente estudo, aqui no Ceará, eu faço Relações Internacionais no Oboé. Aqui no Brasil trabalho por conta própria, vendendo minhas coisas, vendo bolsa, calcinha, sapatos, essas coisas. Eu compro em São Paulo e venho vender aqui. Eu vim estudar aqui no Ceará. Assim, levaram a informação do curso lá na Guiné-Bissau, aí eu participei, passei e fiz a minha documentação e vim para cá (Nanana, entrevista, 19/03/2012, Fortaleza).

Bom, eu vim aqui como estudante. Eu soube da oportunidade de estudos aqui no Ceará através dos meus amigos, aí fiz a matrícula, o menino fez a matrícula e enviou o documento pra mim, aí eu pedi o visto e vim aqui estudar. Eu estou aqui no Brasil, vou completar quatro anos no mês de Junho. Lá em Guiné eu estudei até a 11ª classe. Eu trabalhava com vendas numa loja. Atualmente, aqui, agora não estou a estudar porque eu já terminei de fazer o curso técnico e estou sem dinheiro pra fazer a faculdade, que é muito cara. A mensalidade é de 800 reais, 750 reais, depende da faculdade. Tem de 600 reais. Eu quero entrar no curso superior, fazer faculdade, que agora eu fiz o curso técnico (Nyelete, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Lá em Cabo-verde eu estudei até segundo grau, terminei só o segundo grau, na classificação de lá equivale ao 12º ano daqui do Brasil. Eu já trabalhei, eu era supervisora de ônibus. Quando eu vim pra cá, eu estava trabalhando. Aqui no Brasil, eu estudo na FAECS, fazendo administração. Eu terminei o curso tudininho, licenciatura. Agora eu trabalho na Secretaria de Justiça, eu trabalho pela Secretaria de Justiça na unidade prisional IPPO II. Eu consegui esse emprego através de um amigo que me indicou. Eu queria estudar, aí eu vim parar aqui no Ceará porque eu queria estudar, eu fui na embaixada brasileira pedir visto por que eu queria estudar. Aqui eu sempre estudei na faculdade particular aqui no Brasil (Xiluva, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Apesar das dificuldades, as imigrantes africanas demonstram interesse por oportunidades de educação e de trabalho, procurando informações e se candidatando às vagas existentes, da forma que podem. Nessa diáspora, para além da desigualdade econômica, no acesso à educação, discriminação sexual e de gênero, as mulheres africanas sofrem particularmente com o racismo nas ruas, instituições de ensino e nos locais de trabalho, ainda que nem sempre explicitamente reconhecido como forma de opressão. Observemos:

Aí também tem umas coisas que o povo fala na rua. Eles veem a gente, não sabem como é que a gente está aqui. Aí, fala assim: - ah meu Deus, é coisa do Lula mesmo trazendo esse povo pra cá e a gente morrendo de fome. Eles falam isso esquecendo que a gente tá ajudando, a gente tá pagando imposto aqui. [...] Como às vezes, a gente ficou na esquina ali onde eu moro conversando aí, parou um bocado de carros achando que a gente era prostituta. Aí é meio difícil porque, acho que a classe negra é bem desqualificada, aí a gente já foi confundida um bocado de vezes. Muitas vezes. Eles ficam pensando que eu sou puta porque eu moro no Centro, e é onde ocorrem essas putarias. Às vezes a gente tá no Centro sentado em frente da casa conversando de noite assim, aí um carro para, buzinando. Ninguém responde, por que se fossemos garotas de programa, íamos dirigir. Aí eles passam, pedem desculpas não sei o quê, aí... a gente diz: - beleza (Nanana, entrevista, 19/03/2012, Fortaleza).

A relação com a escola técnica era boa, um pouco boa. Não! Era um pouco boa, às vezes. Assim, com preconceito na sala de aula né, mas os professores são bons, tem alguns que são um pouco assim... Preconceito por parte de colegas, também alguns professores. Com a direção estava tudo ok. Às vezes, as pessoas ficam olhando assim como se fosse uma coisa do outro mundo que ele nem conhece. Aquela admiração. Às vezes, eu sinto algum preconceito. Mas eu não tô nem aí. Eu fico na minha porque eu sei o que é que eu quero na vida. Não vou ficar com a pessoa só fazer preconceito comigo não. Problema é dela, ela é que sabe (Nyelete, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Aqui no Brasil, no Ceará eu me sinto normal porque aqui tem muitos morenos também, eu sou morena clara, mas aqui eu me sinto normal, falo português normal, me sinto normal. Só que tem pessoas que tem discriminação, que tem racismo, mas normalmente aqui, os meninos são legais. [...] Eu já sofri com o preconceito, discriminação. Normalmente, mesmo no trabalho, tem hora que eles dizem assim: - ah, só por causa ela é estrangeira, tem um emprego melhor do que nós. Eles dizem: - ah só porque ela é estrangeira tem mais prioridade aqui dentro. Não é questão de prioridade, eu respeito as pessoas e gosto de ser respeitada também. Não me lembro de outras situações (Xiluva, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Ao abordar a condição das mulheres negras, Hill Collins (2016) argumenta que diferentes formas de opressão estão intimamente ligadas às suas histórias familiares e que poucos teóricos estão dispostos a pensar a realidade, além das suas experiências pessoais. Na sua ótica, muitas mulheres negras trabalham em situações de opressão conforme a raça, gênero, orientação sexual, nacionalidade, idade e etnia, por longos períodos e sem acesso a recursos, nas sociedades onde se encontram inseridas. De acordo com a autora, é necessário fomentar o empoderamento de mulheres negras, documentar a existência de distintas opressões e traçar seus contornos.

Educação e mercado do trabalho

As mulheres entrevistadas estavam inseridas em faculdades particulares e tinham empregos instáveis. A profissão ou o trabalho em que estavam inseridas estavam muito presentes nos seus discursos, ocupando uma dimensão central de suas vidas. Durante as conversas, elas anunciavam o curso que faziam ou o trabalho remunerado que desenvolviam: técnica de enfermagem, vendedora, sacoleira, administradora, etc. Na diáspora, as condições objetivas da vida condicionam a inserção dos imigrantes africanos na sociedade fortalezense, sobretudo as mulheres, conforme as narrativas acerca de seus modos de sobrevivência:

Como eu me mantenho aqui no Brasil? Meu pai manda dinheiro e, também vivo do meu negócio [Venda de roupas, bolsas e calçados entre Brasil e Guiné-Bissau]. Graças a Deus que eu tenho o meu dinheiro. Para pagar as contas é assim... É assim, depende, tipo... todo o mundo sabe que eu recebo no final do mês, aí quando meu dinheiro eu pago as contas. E aí depois quando meu pai manda, eu vou no shopping (Nanana, entrevista, 19/03/2012, Fortaleza).

Atualmente, aqui, agora não estou a estudar porque eu já terminei de fazer o curso técnico e estou sem dinheiro pra fazer a faculdade, que é muito cara. A mensalidade é de 800 reais, 750 reais, dependendo da faculdade. Tem de 600 reais. Eu quero entrar no curso superior, fazer faculdade, que agora eu fiz o curso técnico. [...]. Agora eu não trabalho, estou no estágio. O estágio não é remunerado. Eu gosto do meu trabalho, gosto muito. Da minha área eu gosto (Nyelete, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Eu me mantenho no Brasil trabalhando. Eu recebo uma parte do dinheiro da minha família, eu tenho apoio dos meus irmãos, do meu pai e do meu namorado. Esse dinheiro é para pagar faculdade e está incluso o dinheiro para pagar kitinete. Quando demora sair meu salário, aí eu ligo pra minha família e digo que está faltando dinheiro, aí eles me ajudam. O dinheiro que eu confio mais é aquele que

eu trabalho. O dinheiro da família é complementar. Eu estou aqui no Brasil há 5 anos (Xiluva, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Como vemos, as mulheres recebiam ajuda de parentes, pais ou irmãos, para sobreviver, se alimentar, bem como para se locomover na cidade, pagar mensalidades das faculdades e despesas cotidianas com aluguel, água, energia, gás de cozinha, etc. A vida destas jovens era permeada de tensões por conta de dificuldades econômicas e de sobrevivência, deslocamento para as aulas nas faculdades, insegurança nos ônibus e nas ruas por contas de roubos e assaltos.

Também apresentavam estresse constante por conta de preocupações com a saúde, dificuldades de acesso aos postos de saúde e hospitais do Sistema Único de Saúde (SUS), bem como por não possuírem planos de saúde privados. Outras preocupações eram as suas inserções precárias no mercado do trabalho: o ritmo intenso muitas das vezes sem tempo para lazer, as duras jornadas nos dias normais de expediente, as jornadas de trabalho aos sábados, domingos e até aos feriados, situações que ocupavam a maior parte de seu tempo. Além disso, as mulheres africanas tinham que criar, educar e sustentar os filhos sem a presença dos homens, ora porque estavam separadas ora porque estes estavam ausentes ou mesmo porque estes não cumpriam com os papéis de pais e provedores.

No tocante ao emprego e trabalho, havia grande rotatividade das mulheres africanas no mercado de trabalho devido aos contratos precários, salários baixos e até ausência de pagamento de salários. Trocavam de trabalho constantemente, demitiam-se ou eram demitidas, davam um tempo e depois voltavam, entre outras situações. A condição de imigrantes é algo que impede as mulheres de reclamar melhores salários e seus direitos trabalhistas às autoridades brasileiras, optando assim, pelo trabalho irregular, pois, nem sempre seus vistos estudantis as permitem trabalhar legalmente no Brasil. Outro fator que inibe essas mulheres de recorrer às autoridades trabalhistas em caso de algum litígio é a existência de racismo institucional que, quase sempre atua em desfavor das imigrantes.

Eu vim pra aqui quando tinha 20 anos, eu tô com 24 anos, tô mais inteligente, tô mais esperta, tô sendo independente e mais responsável. Lá na Guiné, eu dependia do papá pra viver. Eu não sabia como é usar uma coisa, agora eu sei, porque eu tenho que trabalhar, eu sei como é que eu consegui aquela coisa, tem que dar mais valor, né. Não é como lá em Guiné-Bissau que chegava tudo na mão, aí gastava como eu quisesse. Agora não (Nanana, entrevista, 19/03/2012, Fortaleza).

Depois de eu chegar aqui no Brasil mudou tudo, principalmente assim o ritmo, a cultura diferente, o ritmo de viver diferente, maneira de ser diferente. Ai, ai mudou tudo mesmo. Mudou muita coisa na minha vida, eu não sei explicar, mas mudou. A vantagem do Brasil é porque aqui tem melhor escola, melhor estudo, isso aí é vantagem, mas a parte negativa são as condições de vida que são bem difíceis, muito bem difíceis. Lá em Cabo-verde eu teria possibilidade de pagar uma faculdade, mas só que é assim, quando você estuda fora do país, eles dão-te mais valor (Nyelete, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Antes de vir morar aqui no Ceará, a minha vida não era difícil não. Eu acho que era fácil porque aqui parece que, aqui eu vivi sem mãe, sem pai, sem ninguém. Lá eu estava com meu pai e não tinha preocupação com essas coisas, com coisas de comer, pagar luz, pagar outras coisas, meu pai pagava e minha mãe e meu irmão pagavam (Xiluva, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Ainda assim, as mulheres mostravam-se resilientes e a migração para o Brasil era vista por elas como uma *experiência vivida*, nos termos de Turner (2005), etapa única e significativa sentida de forma intensa. Viagem que formava e transformava a vida e as trajetória dessas jovens mulheres. Quase sempre, a experiência migratória era ressignificada de forma positiva, entendida como oportunidade de formação. Por outro lado, também era interpretada como uma mudança no modo de ser e estar na vida por conta das dificuldades econômicas, em conseguir trabalho e em pagar contas pessoais.

Acerca da noção de *experiência*, Turner (2005) a define utilizando expressões como “tentar, aventurar-se, correr riscos”, onde experiência e perigo derivam da mesma raiz. Este antropólogo distingue três tipos de experiências: a *experiência cotidiana* que diz respeito à experiência simples, passiva, de aceitação dos eventos cotidianos; *experiência vivida*, experiência única que acontece ao nível da percepção como a dor ou o prazer que podem ser sentidos de forma mais intensa e; *experiências formativas* que se distinguem de eventos externos e reações internas a elas, como a iniciação a novos modos de vida, aventuras amorosas, que podem ser pessoais ou partilhadas. No segmento seguinte analiso vida afetiva das mulheres e os seus espaços de sociabilidade.

Afetividades e relacionamentos

Nanana tinha um namorado baiano residente na cidade de Salvador, na Bahia e estava no início de uma gravidez. Ela não tinha uma boa relação com o pai de seu futuro filho, apresentando desentendimentos constantes. Além de não se entenderem por viverem em mundos diferentes, o pai da futura criança queria que ela se mudasse para

Salvador. *Nanana* temia perder sua autonomia e ficar economicamente dependente do namorado, visto que trabalhava como autônoma e tinha seu próprio negócio: além de vender calcinhas, bolsas e sapatos, também trabalhava durante alguns dias por semana num quiosque localizado numa Praça no Centro da Cidade.

Ela sonhava em morar nos Estados Unidos da América num futuro próximo. De fato, nesse período, os EUA constituíam um destino de muitos imigrantes africanos residentes no Brasil, num contexto em que o Brasil servia de país de trânsito por quatro ou cinco anos, antes destes embarcarem em outra jornada migratória rumos aos *States*. Ao longo de minha vivência durante sete anos com a migração africana em Fortaleza, contabilizei cinco jovens imigrantes que migraram de Fortaleza para os EUA, sendo uma mulher e dois homens bissau-guineenses e, dois cabo-verdianos de ambos os sexos. Todos estes tinham familiares nos EUA. Entretanto, também presenciei o caminho inverso: jovens africanos que moraram por mais de cinco anos nos EUA e migraram rumo a Fortaleza para cursar o ensino superior.

Já Nyelete namorava um jovem cabo-verdiano que residia fora do Brasil, em Amsterdam na Holanda. Seu namorado trabalhava na área portuária, deslocando-se para Fortaleza durante as férias ou em períodos em que estava sem trabalho. A relação entre os dois parecia estável, ainda que com diversos episódios de ciúmes por parte dele. Ela recebia apoio financeiro do namorado que, enviava dinheiro via sistema bancário da *Western Union*. Quando o namorado estava em Fortaleza, ela apresentava outro padrão de vida, com roupas, presentes e jantares em restaurantes. Mas quando este estava fora, apresentava dificuldades para compra de gás doméstico e pagamento das mensalidades da faculdade privada onde estava matriculada.

Por último, Xiluva namorava com um cabo-verdiano que morava em outro município, na região metropolitana de Fortaleza, distante cerca de 23 quilômetros de sua casa. Ela tinha um filho de 11 anos de idade que vivia na sua terra natal, em Cabo-Verde com seus avós paternos. Por serem oriundos do mesmo país, pareciam ter certa sintonia e mais entendimento, apesar de ser uma relação velada, não assumida em público. Recentemente, ela terminara um relacionamento com um homem brasileiro que durara menos de um ano.

Todas as mulheres moravam sozinhas em quitinetes localizadas no Centro da Cidade e arredores. A maior parte dos encontros com os namorados era feito à distância, por telefone ou pela internet, via redes sociais informacionais *WhatsApp* e *Facebook*. Assim, postagens de fotografias em festas e bares eram motivos de ciúmes de seus namorados,

gerando conflitos. Dentre as imigrantes, Xiluva era bastante assediada por seus vizinhos para relações fugazes pois tinha poucos amigos e nenhum familiar nessa Diáspora. Já Nanana, bem como Nyelete, tinha irmãos residentes no Brasil, sendo um em Salvador e outro em Fortaleza.

Acerca da vida afetiva das mulheres no Brasil, Berquó (1987) chama atenção para a existência de um maior quantitativo de mulheres negras morando sozinhas no Brasil, na condição de viúvas, solteiras e separadas. Já Silva Souza (2008) e Pacheco (2013), ao abordarem histórias, trajetórias e escolhas afetivossexuais de mulheres negras em dois contextos distintos nas cidades de São Paulo e Salvador, designam metaforicamente esse fenômeno de *solidão da mulher negra*. Tal solidão deve-se principalmente à subjetividade e preterimento afetivo de mulheres negras, por parte de homens negros e brancos, numa sociedade brasileira racialmente hierarquizada.

Eu namoro, tenho namorado. Nós nos conhecemos em Salvador, na Bahia, é baiano. Ele mora lá em Salvador. A família dele me conhece, a irmã. Meu namorado morava aqui e era legal. Agora que ele está lá eu sempre vou lá. Eu namorava um cearense, aí a gente terminou. Aí conheci o menino lá porque meu irmão mora em Salvador. Mas sempre que eu vou lá, eu passo um mês, um mês e meio, volto. Fiquei seis meses nas férias. A conversa tem que ser boa né, carinho, sexo, também, tem que ser. Tudo faz parte, é um elemento completo (Nanana, entrevista, 19/03/2012, Fortaleza).

Algumas falas das mulheres mostram proximidade com o ideal de relacionamento íntimo africano descrito por Somé (2009), no qual, o relacionamento afetivossexual deve estar conectado ao relacionamento espiritual, sob risco de exposição a perigos e tornar-se sem fundamento.

Quando um relacionamento é tirado do seu contexto espiritual, fica exposto a muitos perigos. Uma desconexão profunda é criada, não só no plano espiritual, mas também no plano pessoal. Pessoas envolvidas em um relacionamento puramente sexual, por exemplo, carregam dentro de si um gigantesco buraco energético, de mágoas da tenra infância, que as isola completamente do seu verdadeiro ser. Sua esperança é que a pessoa com quem estão envolvidas possa lhes dar a conexão que anseiam. Frequentemente, elas também não estão conectadas com o ser. Assim, temos duas pessoas desconectadas tanto no nível espiritual quanto no nível pessoal. O relacionamento não tem qualquer tipo de força que lhe dê fundamento ou solidez. (SOMÉ, 2009, p. 30.)

Entretanto, aos poucos, as mulheres africanas vão se adaptando às diferentes realidades nos relacionamentos com africanos e brasileiros nessa diáspora, em relações marcadas pela distância geográfica, com ausência de carinho, bem como a prática como “ficar”. Senão, vejamos:

Minha relação com os homens brasileiros..., eu já namorei dois brasileiros. Um, durou uns 6-7 meses, o outro durou um ano e poucos meses. Me desculpe dizer isso aí, os africanos normalmente não dão carinho como os brasileiros. Os brasileiros são mais carinhosos, mais atenciosos. Esse é o meu ponto de vista. Mas só que os africanos assim, não ligam, não ficam com você muito tempo, essas coisas, porque é cada um por si. Atualmente eu não tenho namorado, mas tô ficando. Nós nos conhecemos na festa. É africano. A família dele não me conhece, os amigos sim, me conhecem. Às vezes nos vemos duas vezes por semana. Acredite ou não, duas vezes por semana, às vezes uma, desde a semana passada que não vejo ele não, é muito tempo sem lhe ver. Mas também é porque ele mora longe, ele mora em Maracanaú. Nós nos vemos no máximo, duas vezes por semana. Todos os dias ele me liga, me manda mensagem, todos os dias, aí fica aquela saudade (Xiluva, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Sim, eu namoro com meu namorado. É namorado. Nós nos conhecemos em África, na Guiné-Bissau, há cerca de cinco anos. A família dele me conhece mais ou menos. O carinho é ótimo. Ele é ótimo. A gente se ama. A gente não se vê por que ele está longe há cerca de cinco meses, ele está na Holanda. Ele mora lá, trabalha lá. As pessoas sabem que nós somos namorados. Ele me assume e eu assumo ele. [...] Eu recebo apoio dele, só dele, dinheiro, presentes, ele me ajuda a pagar aluguel. Costumo sair com ele para festas, passear, praia, curtir. Nunca namorei nenhum brasileiro, guineense também nunca namorei. Somente meu namorado, o cabo-verdiano. Ele é o único namorado que eu tive. Estamos juntos há seis meses, ele voltou ficou dois meses, aí voltou pra Holanda (Nyelete, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Nos relacionamentos afetivos das mulheres verificavam-se diversas formas de arranjos, desde namoros com africanos, seja do mesmo país e etnia e, algumas vezes como com homens brasileiros. Seus relacionamentos às vezes encarnavam nítidas relações de submissão a envolver dependência econômico-financeira. As moças africanas costumavam relacionar-se, particularmente, com homens que contribuíssem para seu equilíbrio financeiro. Nesse cenário, percebo que as mulheres negras, particularmente as africanas, ocupam o último lugar em termos de preferências afetivas em Fortaleza. Tal situação pode ser reflexo da representação histórica, existente sobre a mulher negra na estrutura social da sociedade brasileira que, por sua vez, parece ser incorporada pelos homens africanos e brasileiros (LANGA, 2014).

Diante desse preterimento afetivo, além dos passeios aos *shoppings centers* aos finais de semana, as idas aos bares e festas, bem como o espaço doméstico representavam os poucos espaços e momentos de lazer e de afetividades que as mulheres imigrantes dispunham. As festas ocorriam regularmente, em média duas vezes a cada mês, em clubes noturnos e boates de Fortaleza, constituem momentos privilegiados de interações e negociações identitárias entre as mulheres e homens africanos e brasileiros.

Contudo, a festa não tinha mesmo significado para homens e mulheres africanos, pois, a posição das africanas nessas festas era um tanto ambígua: eram elas quem cozinhavam, lavavam a louça, limpavam e organizam o espaço. Mas, no final eram as mulheres brasileiras que se davam bem com os homens africanos e brasileiros, levando vantagem nesse mercado afetivo multinacional. Assim, as mulheres africanas não mostravam o mesmo entusiasmo que os homens diante da festa, demonstrando certo mal-estar. Vejamos seus relatos:

Eu costumo ir pouco aos eventos africanos porque eu evito e, tenho meus motivos que eu não quero falar. Costumo ir de vez em quando aos eventos organizados por brasileiros com minhas amigas (Nanana, entrevista, 19/03/2012, Fortaleza).

Eu costumo ir às festas, às calouradas às vezes, nem sempre. Vou a algumas festas organizadas por brasileiros e outras por africanos. Quando tem dança, quando os africanos organizam algum evento, eu costumo ir divertir. É difícil eu sair para outros lugares. Eu só saio quando os africanos organizam alguma festa, aniversário, eu costumo ir. Só festa africana. É difícil eu ir a eventos organizados por brasileiros (Xiluva, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Eu vou às festas africanas. Todas não, mas sempre que posso, eu vou. Também vou às festas organizadas pelos brasileiros. Festa “africana” é uma coisa legal. Eu tiro todo o stress, fico alegre, naquele momento eu sou eu, tô ocupando meu momento mesmo (Nyelete, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

De fato, os casais interracialis constituídos por mulher africana e homem brasileiro eram raros nesses eventos, o mesmo não acontecendo com os relacionamentos interracialis e interracialis constituídos por mulher brasileira e homem africano, ou mulher africana e homem africano. Para enfrentar essa desvantagem, as mulheres africanas apresentavam diversas estratégias, como o investimento e valorização na aparência pessoal, por meio de roupas ousadas e “abrasileiradas”, saias e *shorts* curtos, roupas africanas coloridas, diversos acessórios como óculos, pulseiras, colares, tranças africanas ousadas, extensões e mechas

ocidentais nos cabelos. Também frequentavam academias de musculação e de ginástica, mantendo uma preocupação com o corpo e estilos de vida “saudáveis”.

Em seus relatos afetivos, as mulheres africanas apontavam diferenças significativas nas suas interações com homens africanos e brasileiros, nos quais, os últimos aparecem como mais carinhosos menos algozes que os africanos. Nesses relacionamentos, percebi suas preferências por homens que fossem sensíveis à sua condição financeira e que contribuíssem para “ajudar” e dividir as despesas cotidianas. Nessas afetividades, é necessário destacar a infidelidade e a violência doméstica que parecem permear e estruturar as suas relações afetivas com homens africanos e brasileiros. De fato, são notórias as queixas de mulheres africanas sobre a violência nos seus relacionamentos com homens africanos e brasileiros, conforme mostram as narrativas abaixo:

Os homens brasileiros são muito carinhosos, entendem sabe, muito compreensivos. Mas o único defeito é o ciúme. As mulheres brasileiras hiii..., são doentes de ciúmes também! O que é diferente nos homens brasileiros, não tem muita diferença não. São gatos que nem os nossos neguinhos. A diferença é que eles são muito mais carinhosos. Os africanos, eles são uns gatos, não tem como não ver, esse corpaço também, meu Deus! Todo o mundo sabe né. [...] Namorar um brasileiro é preciso ter um coraçãozão pra aguentar. Além de ter cultura diferente, maneira diferente, eles são ciumentos e, aí a gente tem que adaptar a isso. Você vê aqui, todo o mundo brinca, se abraça, mas sem segundas intenções, aí eles não entendem isso desse jeito. Eu entendo que deve ser a cultura deles e tal. A gente brinca, dança, se abraça, oi meu amor e tal. Mas é brincadeira de amigo, nada a ver, não tem que ter alguma coisa (Nanana, entrevista, 19/03/2012, Fortaleza).

Deixa os brasileiros com as safadezas deles. As meninas brasileiras dizem que os homens brasileiros são safados, mas são carinhosos, foi o que eu vi. Os africanos não são carinhosos, são muito brutos, batem as mulheres. A maioria são brutos. Eles não ajudam. Só o meu namorado ajuda. Mas ele é africano de Cabo-Verde. Não é isso não. Tem uns meninos africanos de Guiné-Bissau que são bons. Eu tô falando da maioria dos homens africanos. Eu vivo lá na África, Guiné-Bissau, meu país eu conheço. Eu tô falando da maioria que não presta, que batem as mulheres sem fazer nada, ficam grossos com as mulheres. E aqui no Brasil, aquela lei do brasileiro (Maria da Penha) eu acho boa. Às vezes as pessoas perdoa, que a pessoa já acostumou de ser grosso, é grosso mesmo sem parar. Você pode tentar ajeitar a pessoa para deixar de ser grosso. Os brasileiros são mais carinhosos. Mas eles também têm uma coisa na cabeça, aqueles ciúmes bestas. Eles não assim, mas que eles gostam de matar, meu Deus do céu (Xiluva, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

O que me atrai é porque os homens e mulheres brasileiras, eles são muito românticos, isso eu percebo. A diferença dos africanos e brasileiros, é que os homens brasileiros são românticos, mas os homens africanos gostam de ajudar

as mulheres, ajudam as mulheres, não só, mas ajudam. Eles se preocupam contigo, eles perguntam se você já comeu, se você já pagou aluguel, já pagou a luz, essas coisas (Nyelete, entrevista, 13/03/2013, Fortaleza).

Na diáspora em Fortaleza, as moças africanas apresentam escolhas afetivas que revelam preferências por categorias como classe, raça, grupo étnico, revelando a existência de atração por homens com características étnicas próximas ou semelhantes, ou seja, tendendo à homogamia social. Desse modo, as mulheres africanas revelam preferência por homens do mesmo tom de pele, do mesmo país e, se possível da mesma etnia.

As escolhas afetivas das mulheres africanas aproximavam-se à realidade descrita por Crenshaw (2002) como *interseccionalidades*, por se fundarem em determinadas características físicas, fenotípicas, sociais e econômicas atraentes ou discriminatórias que, podem se sobrepor ou intersectar, juntando diversos marcadores e conexões complexas. Tais preferências demonstram escolhas políticas inconscientes ou não, moldadas no contexto da migração e vivência na cidade de Fortaleza. As interseccionalidades afetavam mais as mulheres africanas do que aos homens, apresentando dificuldades de inserção na sociedade de acolhida. Tais escolhas, longe de serem fruto da coincidência, do acaso, da paixão ou mesmo do amor, revelavam escolhas criteriosas de parceiros conforme a classe social, ocupação, etnia, país de origem e mesmo a raça.

Considerações finais

O texto analisou o cotidiano de mulheres da migração africana em uma cidade do nordeste brasileiro. Tal mobilidade nasce do desejo de imigrar voluntário, legitimada por convênios acadêmicos entre o Brasil e países africanos, impulsionada por discursos governamentais de aproximação com o continente africano na primeira década e meia do século XXI. A televisão, as mídias virtuais, a presença de empresas brasileiras e de igrejas evangélicas neopentecostais nas nações africanas também desempenham papel de destaque nessas mobilidades. Nesse contexto migratório, a distinção parece ser a característica marcante, assim como as identidades heterogêneas, multiculturais que marcam suas vidas na cidade de Fortaleza, negociadas enquanto mulheres, africanas, negras e imigrantes. As mulheres ocupam uma condição peculiar nesse deslocamento, apresentando experiências e inserções diferentes das dos homens. Sua condição de negras e imigrantes as coloca numa posição de subalternidade distinta dos homens no tocante à educação, trabalho, relações de gênero e mercado afetivo, apresentando menores

oportunidades de inserção no mercado da educação e do trabalho. Um exemplo disso é o fato de a maioria delas conseguir terminar os cursos de graduação e não conseguir cursar a pós-graduação. Além desse fato, existe uma dependência econômica em relação às famílias de origem, mas também diante dos companheiros na sua vivência no Brasil.

Mesmo diante de dificuldades, elas apresentam suas estratégias e táticas, como a escolha de namorados sensíveis à sua condição financeira e social. Diante da alteridade, das distintas formas de discriminação e de inclusão, ocorrem processos de interpelação raciais e de resignificação identitárias, nos quais, as africanas passam a assumir-se negras, heterossexuais, estudantes e trabalhadoras e pertencentes às diferentes igrejas cristãs. Tais resignificações identitárias são fruto do encontro com a diversidade racial, sexual, de gênero e de classe no Brasil.

Referências

APPADURAI, Arjun. *Dimensões Culturais da Globalização: a modernidade sem peias*. Trad. Telma Costa. Lisboa: Teorema, 2004.

BERQUÓ, Elza. *Nupcialidade da População Negra no Brasil*. Campinas: NEPO-UNICAMP, 1987.

COSTA, Claudia. Feminismo e Tradução Cultural: sobre a colonialidade do gênero e a descolonização do saber. *Portugueses Cultural Studies*, 4 Fall, p. 41-65, 2012.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v.10, n.001, jan. 2002, p. 171-188.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

_____. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In _____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. (Org.) SOVIK, Liv. 1ª ed. atual. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 25-48.

GONÇALVES, Marco; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia. Introdução. In: (Orgs.). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 9-17.

GONÇALVES, Marco. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: (Orgs.). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p.19-39.

HILL COLLINS, Patricia. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, vol. 31, n.1, jan./abr., p. 99-127, 2016.

GREEN, Nancy. Mudando paradigmas em estudos de migração. De homens para mulheres para gênero. Trad. Andréia Veríssimo, Rev. de Litiane Macedo. In: AREND, Silvia et al., (Orgs.) *Diásporas, Mobilidades e Migrações*. Florianópolis: Editora Mulheres. 2011, p. 35-46.

LANGA, Ercílio. Migração Estudantil Internacional: experiências de inserção de africanos no contexto universitário brasileiro. Terceiro Milênio: *Revista Crítica de Sociologia e Política*, vol. 8, n. 1, jan./jun. p. 230-254, 2017.

_____. O lugar das mulheres e a questão dos direitos humanos: um olhar sobre experiências, dramas e interseccionalidades de mulheres africanas na cidade de Fortaleza-CE. In: ROCHA, Marcos (Org.). *Direitos Humanos, Sociedade e Política*. (Coleção Outros Olhares). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016, p. 129- 152.

_____. Diáspora Africana no Ceará: representações sobre as festas e as interações afetivossexuais de estudantes africanos(as) em Fortaleza. In: *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, v. 2, n.1, p. 102-122, 2014.

MARINUCCI, Roberto. Feminization of Migration? REMHU – *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Contextualização Ano XV, n. 29, p. 5-22, 2007.

MOURÃO, Daniele. *Identidades em Trânsito: África “na pasajen”* identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas. Campinas: Arte escrita, 2009.

PACHECO, Ana Cláudia. *Mulher Negra: afetividade e solidão*. Salvador: EDUFBA, 2013.

SOMÉ, Sobonfu. *O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre a maneira de se relacionar*. São Paulo: Odysseus, 2009.

SOUZA, Claudete. *A Solidão da Mulher Negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro em São Paulo*. 2008, 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

SPIVAK, Gayatri. *Critique of Postcolonial Reason: toward a History of the Vanishing Present*. Cambridge: Harvard University Press, 1999. Print.

TURNER, Victor. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência (primeira parte), de Victor Turner. (Trad.) RODRIGUES, Herbert, (Rev.) DAWSEY, John. *Revista Cadernos de Campo*, n. 13, 2005, p. 177-185.

Recebido em 11 de julho de 2019.

Aceito em 17 de dezembro de 2019.